ANTÓNIO NOVAES

1903-1911



ARQUIVO FOTOGRÁFICO

ASSÍRIO & ALVIM

ANTÓNIO NOVAES

1903-1911

Este livro foi publicado
pela Assírio & Alvim
para a exposição

ANTÓNIO NOVAES
1903 – 1911

concebida e realizada
pelo Arquivo Fotográfico Municipal
(Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa)
entre 21 de Novembro de 1996
e 25 de Janeiro de 1997

© Assírio & Alvim
Rua Passos Manuel, 67 B, 1150 Lisboa

© Câmara Municipal de Lisboa (1996)

Tiragem: 3000 exemplares
Edição Nº 424, Novembro de 1996
Depósito Legal 104863/96
ISBN 972-37-0402-1

•

Este livro
foi impresso em Lisboa
na Guide – Artes Gráficas, Lda.

ANTÓNIO NOVAES

1903-1911

ARQUIVO FOTOGRÁFICO MUNICIPAL

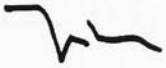
(DIVISÃO DE ARQUIVOS / CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA)

ASSÍRIO & ALVIM

Dois dos principais objectivos do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa são o de divulgar o seu valioso espólio e o de dar a conhecer o trabalho de alguns dos mais significativos vultos da fotografia.

Assim, e na sequência de exposições como *Provas Originais, 1858-1910, 7 Olhares, Lisboa Ribeirinha* e *Trabalhadores de Lisboa: Fotografias de Joshua Benoliel*, o Arquivo Fotográfico dá a conhecer ao grande público um conjunto de imagens intitulado *António Novaes, 1903-1911*, que tanto pelo seu inegável valor documental, quanto pela sua beleza, farão desta exposição um novo e bem sucedido elo de ligação entre o passado e o presente da cidade de Lisboa.

O Presidente



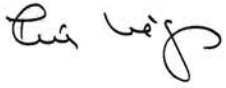
João Soares

A presente publicação, bem como a exposição que a originou, são fruto do esforço desenvolvido pela equipa do Arquivo Municipal que procedeu à duplicação e ampliação dos negativos originais, bem como à investigação necessária que permitiu a respectiva identificação, detecção e enquadramento histórico.

Com a exposição e a sua memória perdurável, o catálogo, espera o Arquivo Municipal contribuir para a divulgação das fontes, neste caso imagens, que fazem a história da cidade de Lisboa e que se encontram à sua guarda.

Pretende-se ainda, através destas actividades, contribuir para a alteração na sensibilidade da população em geral, no sentido de transformar positivamente a imagem tradicional de um Arquivo.

A Chefe de Divisão de Arquivos



Inês Morais Viegas

A COLECÇÃO ANTÓNIO NOVAES

Em Outubro de 1991 deu entrada no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa o espólio de Eduardo Portugal, na posse da família do fotógrafo desde a sua morte, em 1958. Constava de milhares de caixas de negativos de vidro e película, provas, álbuns de fotografia, livros, aparelhos fotográficos, blocos de apontamentos e correspondência. Para além das fotografias realizadas pelo próprio fotógrafo, este vasto conjunto continha uma valiosa colecção de fotografias do século XIX e inícios do século XX, na sua maioria imagens da cidade de Lisboa, que Eduardo Portugal, com o seu espírito meticuloso, coleccionara e catalogara durante toda a vida.

Quando inventariámos esta colecção, em 1992, encontrámos uma caixa de madeira que continha seiscentos e setenta e três negativos do formato 9 x 12 cm, com suporte de nitrato de celulose já muito fragilizado, na sua maioria bastante amarelecidos e desvanecidos, alguns mesmo já inutilizados. Posteriormente, foram encontrados mais negativos, o que eleva o total para cerca de setecentos. Os negativos eram o registo de reportagens que mostravam reuniões sociais, festas, acontecimentos políticos e desportivos, destacando-se a figura do rei D. Carlos e do rei D. Manuel II. Muitos encontravam-se datados (entre 1903 e 1911), legendados no próprio negativo e assinados pelo autor, o fotógrafo António Novaes.

O estado de conservação desta colecção requeria uma intervenção rápida, já que o suporte plástico dos negativos, em nitrato de celulose, é instável e decompõe-se, o que conduz inevitavelmente à sua destruição. Era necessário proceder à duplicação de todos os negativos para um suporte de poliester, muito mais estável, à renovação de todas as embalagens de arquivo de má qualidade e em mau estado, e fazer a catalogação das imagens sem perder a informação inscrita nos envelopes originais.

Por outro lado, o ineditismo deste conjunto incitava-nos a fazer a sua divulgação por meios poderosos, com uma grande exposição acompanhada da edição de um bom catálogo, que pudesse pu-

blicitar e fomentar a utilização por parte do público de tão interessante conjunto de fotografias. Foi decidido que os tratamentos de conservação, a catalogação, a exposição e a edição de um catálogo seriam realizados como um todo indissociável, ou seja, não haveria divulgação antes dos tratamentos de conservação estarem terminados. Estes trabalhos tiveram início em Novembro de 1994. A presente exposição e catálogo é o culminar deste processo de dois anos de trabalho. A partir deste momento, este conjunto está salvaguardado para gerações futuras e também está devidamente catalogado e à consulta do público na sala de leitura do Arquivo Fotográfico da CML.

Esta colecção de negativos vem revelar e valorizar um foto-repórter pouco conhecido. De facto, entre os vários repórteres fotográficos que têm o seu trabalho publicado nas revistas e jornais dos princípios do século XX, António Novaes, é talvez, aquele que está mais deficientemente representado, pois as fotografias publicadas não nos dão a verdadeira dimensão do seu trabalho, nem toda a personalidade do seu olhar. Talvez as suas imagens fossem utilizadas apenas como complemento do trabalho de Joshua Benoliel, então o mais prestigiado de todos os foto-repórteres. As fotografias de Novaes, publicadas na imprensa da época, raramente ultrapassam a mera cobertura do acontecimento mundano ou político e não deixam transparecer o cunho pessoal do autor, tão evidente nas imagens de outros fotógrafos. Resumir o fotojornalismo português dos inícios do século a um autor é uma injusta simplificação, apenas explicada pelo desconhecimento do trabalho de outros fotógrafos.

Ao longo do percurso desta exposição, organizado cronologicamente em três grandes períodos – reinado de D. Carlos, reinado de D. Manuel II e implantação da República – podemos observar que as fotografias de Novaes se dividem em dois grupos: os acontecimentos oficiais, como as chegadas e partidas de convidados reais; e os acontecimentos sociais, como as *garden party*, as gincanas de automóveis, os duelos de esgrima e o ténis.

É sobretudo nestes últimos que a forma de olhar os acontecimentos de António Novaes se apresenta como inovadora e muito pessoal, sobretudo porque é uma visão espontânea. Na primeira década deste século, Novaes tem a faculdade de passar despercebido nos meios sociais onde se encontra e que fotografa e parece não interferir com os acontecimentos que se desenrolam à sua frente. Ele consegue mostrar sem ser visto. As pessoas não assumem poses estudadas, tão características desta época, nem estão a olhar para a máquina fotográfica fixamente; encontram-se naturalmente como se o fotógrafo não

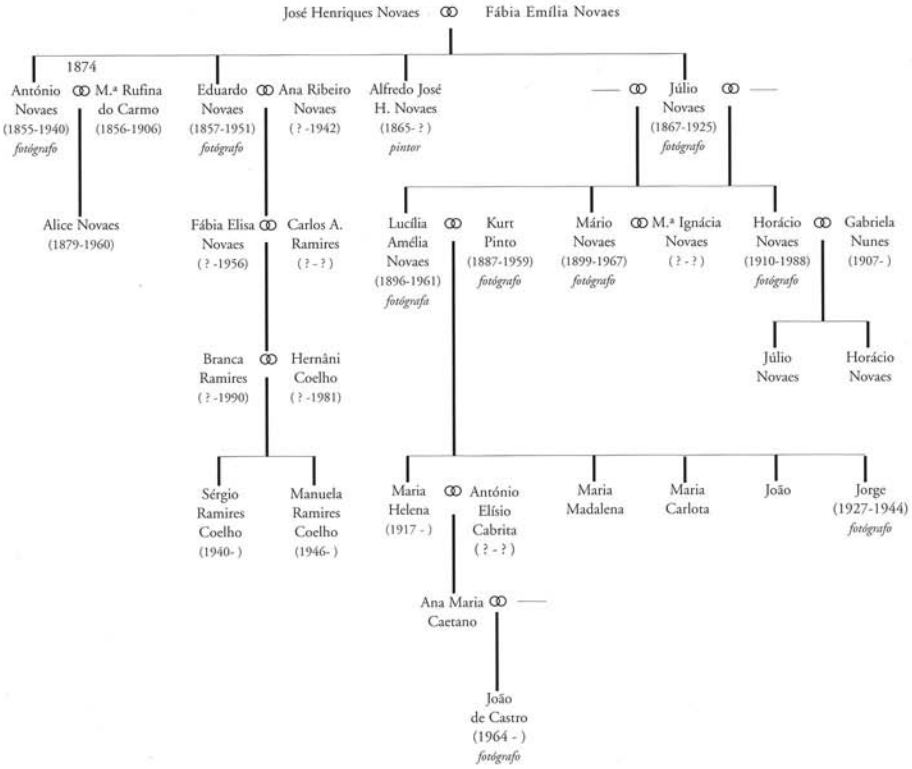
estivesse presente. E assim temos a noção de que percebemos exactamente como era o ambiente destas reuniões sociais, a distribuição das senhoras pelas galerias (fotos n.os 63 e 64), a postura dos homens quando se sentam a fumar charuto (foto n.º 35) ou à espera que os automóveis passem pela tribuna (fotos n.os 30 e 31). A forma como encontramos o rei a jogar ténis (foto n.º 22) ou a disparar aos pombos (foto n.º 27) é tão evidentemente natural e próxima que o espectador sente que passou por lá.

Novaes apresenta-nos mais visões de conjunto do que planos aproximados, mantendo uma certa distância em relação ao assunto. O facto de, em alguns casos, as pessoas fotografadas se encontrarem tremidas reforça a ideia de que Novaes não pousava a máquina nem preparava as cenas. Isso é notório na espontaneidade que as imagens apresentam.

Outra característica da personalidade de Novaes é que ele não é um fotógrafo de rua. Não lhe conhecemos fotografias de deambulações, à procura do seu modelo num banco de jardim ou a refrescar-se junto de uma fonte. As suas reportagens apontam sempre objectivos bem precisos: ele sai com a máquina fotográfica para cumprir uma missão e vai ao encontro do seu objectivo. Nas mais diversas situações, revela-se um observador atento, não se prendendo a pormenores nem ao acontecimento fugidio e instantâneo, antes concentrando-se no ambiente geral. Repare-se na imagem do rei na carruagem em frente ao Mosteiro dos Jerónimos (foto n.º 17), Novaes mostra todas as personagens de costas para a câmara, mas consegue enquadrá-las no contexto do portal sul da Igreja de Santa Maria de Belém.

Com esta exposição do fotógrafo António Novaes, o Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa dá continuidade ao projecto cultural que tem vindo a desenvolver desde a abertura ao público em Março de 1994 e espera contribuir para o estudo da obra deste fotógrafo.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA NOVAES



I

O FOTÓGRAFO ANTÓNIO NOVAES

António Novaes é uma referência fundamental para a História da Fotografia em Portugal, do final do século XIX e princípios do século XX.

Filho de José Marcelino Henriques Novaes e Fábia Emília de Novaes [1], António foi o mais velho de quatro irmãos, que enveredaram pelo caminho das artes.

Alfredo Novaes (1865 – ?), o terceiro dos irmãos e o mais desconhecido dedicou-se à pintura e ao comércio [2].

Eduardo Novaes (1857? – 1951) e Júlio Novaes (1867 – 1925) deram igualmente o seu contributo para a fotografia deste período. Júlio Novaes foi o mais popular entre nós. Dois dos seus filhos – Horácio e Mário Novaes – prosseguiram a actividade profissional da família durante a segunda metade do século XX, tendo legado à fotografia portuguesa um manancial de imagens de grande valor histórico e documental.

António Novaes viveu entre 1855 e 1940. Notabilizou-se pelos trabalhos que realizou como fotojornalista, sensivelmente entre 1902 e 1912. As suas reportagens denotam grande proximidade com a Família Real Portuguesa. Novaes fotografou os principais acontecimentos político-sociais deste período: o quotidiano na corte, casamentos importantes, baptizados, visitas oficiais, funerais, viagens e desportos, são alguns dos variadissímos assuntos presentes nas suas reportagens. António Novaes chegou a receber o título de *Fotógrafo da Casa Real Portuguesa* [3].

[1] AN/TT, *Registos Paroquiais*, Freg.ª do Sacramento, casamentos, 1874 – 1884.
[2] C.M.L./ Divisão de Arquivos/Arquivo do Arco Cego, *Livro de Recenseamento Eleitoral*, 1908.
[3] *Os Fotógrafos da Casa Real*, 1984.

Colaborou com inúmeros periódicos, tendo publicado parte dos trabalhos nas revistas *Ilustração Portuguesa, Ocidente, Serões, Brasil-Portugal, Semana Ilustrada, Tiro & Sport*; e nos jornais, *A Época* e *A Nação*. A qualidade do seu trabalho é reconhecida, nomeadamente, numa breve notícia publicada na *Semana Ilustrada*[4], a propósito de uma omissão de autoria: *A. Novaes – Por lapso deixámos no nosso n.º passado de dizer que o cliché que na 1.ª página publicámos – Palácio de Sintra – era cópia de uma fotografia daquele nosso apreciado amigo e distinto fotógrafo.*

Parte importante do seu espólio encontra-se actualmente dispersa por diferentes arquivos e colecções particulares. O Arquivo Fotográfico da C.M.L. possui cerca de setecentos negativos deste autor. O Paço Ducal de Vila Viçosa, o Palácio Nacional da Ajuda, o Arquivo Histórico-Militar e a Biblioteca da Academia Militar de Lisboa possuem pequenos conjuntos de provas de António Novaes. Sabe-se ainda que o Arquivo Nacional de Fotografia também possui imagens deste fotógrafo.

A partir de 1913 não encontramos qualquer referência sobre o fotógrafo. Subsistem algumas dúvidas, quer quanto à data de início de actividade, quer quanto ao percurso profissional de António Novaes, até 1940, data em que faleceu.

Quando casou com Maria Rufina do Carmo, em 5 de Outubro de 1874, já exercia a profissão de fotógrafo[5]; tinha então 19 anos e morava na Rua do Arco do Marquês do Alegrete, n.º 92, freguesia do Socorro. Cinco anos mais tarde, a 14 de Agosto de 1879, ainda na mesma freguesia, mas na Rua Nova da Palma, n.º 69, nasceu uma filha do casal, Alice Novaes. No ano seguinte, a 9 de Janeiro de 1880, Alice Novaes foi baptizada na Igreja Paroquial de Nª S.ª do Socorro, em Lisboa. Segundo consta no assento de Baptismo, António Novaes era *retratista* de profissão[6]. Se atendermos aos dados contidos no Livro de Recenseamento Eleitoral do ano de 1882, António Novaes aparece novamente registado como fotógrafo, morador na Rua dos Canos, n.º 58, freguesia do Socorro, casado e *elegível para cargos distritais, municipais e paroquiais*[7]. No Anuário Comercial de 1896, mantém-se a mesma actividade profissional, mas com um estúdio em Lisboa, sediado na Rua do Arco da Graça, n.º 30[8]. Note-se que nos

[4] N.º 81, de 9/11/1905, p. 5.
[5] AN/TT, *Registos Paroquiais*, Freg.ª do Sacramento, casamentos, 1874 – 1884.
[6] AN/TT, *Registos Paroquiais*, Freg.ª do Socorro, baptismos, 1880.
[7] C.M.L./ Divisão de Arquivos/Arquivo do Arco Cego, *Livro de Recenseamento Eleitoral*, 1882.
[8] *Anuário – Almanaque Comercial da Indústria, Magistratura e Administração*, 1896, pp. 672-673.

anos subsequentes não aparece mais nenhuma referência a este estúdio como sendo de António Novaes. Com a mesma morada surge-nos, tanto em 1896 como em 1897, outra casa fotográfica – A *Photographia Contemporânea* –, também publicitada nos Anuários[9].

Em 1882, *O Contemporâneo,* um periódico do final do século XIX, anunciava, nos seguintes termos, a construção de um atelier de fotografia:

[...] *A empreza do Contemporâneo desejando por todos os modos desenvolver e melhorar quanto possível, a sua publicação collocando-a ao lado dos primeiros jornaes deste género que se publicam no estrangeiro, e querendo dar um grande desenvolvimento à sua parte artistica resolveu estabelecer um atelier photographico que se acha quasi concluido* [...][10].

No número seguinte do mesmo jornal, a empresa *Contemporâneo* anuncia a abertura ao público do seu atelier de fotografia, instalado na Rua do Arco da Graça n.º 30 e publica um anúncio em grande formato onde descreve todos os trabalhos que executa:

Photographias com Brilho e em Relevo
Um dos mais bellos triumphos da arte
pelos seguintes preços
Cartão de Visita, uma dúzia 1$000 réis
meia dúzia 600 réis
Cartão Albúm, uma dúzia 2$500 réis
meia dúzia 1$500 réis
Grupos, preços relativos ao número de pessoas.
Bustos em tamanho natural 9$000 réis
em meia folha 5$000 réis.[11]

[9] Idem, ibidem; *Anuário Comercial ou Annuário Oficial de Portugal, Ilhas e Ultramar da Indústria, Magistratura e Administração,* 1897.
[10] *O Contemporâneo,* 1882.
[11] Idem.

É referido ainda que o proprietário da *Photographia Contemporânea* é o mesmo dos periódicos, *O Contemporâneo* e *Commércio e Indústria,* que se publicam já há [...] *10 anos; ambos redigidos por distinctos homens de letras e ambos igualmente illustrados com excellentes retratos photográphicos.* [...][12]. A constatação de uma mesma morada para António Novaes e para a *Photographia Contemporânea,* em 1896, leva-nos a supor a existência de uma relação de trabalho entre Novaes e esta casa fotográfica.

Outro dado importante para a compreensão do percurso do fotógrafo é a provável proximidade entre António Novaes e o pintor José Malhoa (1855/1935), ambos nascidos em 1855. Da vasta obra de Malhoa surge o retrato do fotógrafo Novaes, pintado em 1901. O Jornal *A Época,* de 15 de Maio de 1902, noticiou uma exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes com obras de pintores portugueses, onde se destacava o retrato do fotógrafo Novaes, pintado por José Malhoa, considerado pelo redactor como a melhor peça da Exposição.

[...] *Entretanto está pintado com todos os primores de thécnica que o artista possue, que para nosso gosto, a sua melhor obra da exposição é o retrato do Sr. Novaes.* [...] *Dizem-nos que o Sr. Novaes tenciona offerecer este retrato ao Museu Nacional – honra lhe seja feita por essa idéa genial, tão cedo não torna a entrar obra que mais o mereça*[13].

Este quadro foi oferecido pelo fotógrafo ao Museu de Arte Contemporânea de Lisboa (actual Museu do Chiado) e encontra-se actualmente exposto no Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha, a título de empréstimo.

Quando, em 1903, adquire à Câmara Municipal de Lisboa terreno para construção de um jazigo de família no Cemitério do Alto de São João, António Novaes é referido nos documentos, não como fotógrafo, mas como *pintor retratista,* morador na Rua José Estêvão, n.º 129, r/c[14]. Em 1913, data em que procedeu à venda desse mesmo jazigo, surge novamente mencionado como *pintor retratista,* morador então na Rua de Arroios, n.º 34, r/c esq. Esta designação profissional, aliada ao meio familiar (Alfredo

[12] Idem.
[13] *A Época,* 15 de Maio de 1902.
[14] C.M.L./ Divisão de Arquivos/Arquivo do Arco Cego, *Processo de Jazigo* n.º 3394, 1.º cemitério.

Novaes era pintor), e à possível relação de amizade com José Malhoa, leva-nos a pensar que António Novaes, para além de fotógrafo ter-se-á dedicado também à pintura.

Em 1904, o fotógrafo trabalhava na Calçada do Duque, n.º 25, tal como se pode verificar através do carimbo de uma das suas fotografias [15]. Nesta morada, também trabalharam os seus irmãos Eduardo e Júlio Novaes.

Sobre Eduardo Novaes a referência mais antiga que encontrámos como fotógrafo data de 1885, no *Livro de Recenseamento Eleitoral*[16]. Entre 1886 e 1890, os anúncios do *Almanaque Comercial de Lisboa* referem um estúdio de *Júlio & Novaes*, na Calçada do Duque 19-25 (*Antiga fotografia Bastos*, até 1885)[17]. Entre 1893 e 1899, Eduardo Novaes aparece sozinho e mantém a mesma morada[18].

Quanto a Júlio Novaes, o mais novo dos irmãos, sabe-se que começou a trabalhar na *Photographia Bastos*, em 1879, apenas com 12 anos de idade. Nesta data já António Novaes trabalhava, pelo menos, há cinco anos, o que nos leva a pensar que Júlio poderá ter aprendido com os irmãos. Júlio Novaes esteve nesta morada durante dezoito anos. Em 1897 abandonou a gerência desta casa fotográfica e inaugurou o novo estúdio – *A Photographia Novaes* – na Rua Ivens, 28. Ainda em 1896, funciona nesse mesmo local o *Instituto Photographico* de *Arnaldo Fonseca & Commandita*[19].

Uma notícia curiosa de 1899, do jornal *Diário Ilustrado* dá-nos bem a ideia da importância deste fotógrafo na sociedade do seu tempo:

[...] *Percorrendo as numerosas galerias que tem em exposição encontramos trabalhos de uma tal exactidão e primoroso acabamento que não duvidamos do collocar, Júlio Novaes a par dos principais da photographia* [...] *amável, obsequiador, condescendente, sempre prompto a atender quem o procura e a satisfazer os seus clientes, eis o retrato de Júlio Novaes* [...]

[15] Barreto, António – «Família Real», in *Grande Reportagem*, 1996, pp. 80-91.
[16] C.M.L./ Divisão de Arquivos/Arquivo do Arco do Cego, *Livro de Recenseamento Eleitoral*, 1885.
[17] *Anuário – Almanaque Comercial da Indústria, Magistratura e Administração*,1886; *Anuário Comercial de Lisboa*, 1890.
[18] *Anuário Comercial de Portugal Ilhas e Ultramar*, 1893 – 1897.
[19] *Anuário Comercial de Portugal Ilhas e Ultramar*, 1893.

Júlio Novaes publicitava diariamente no jornal, o seu estúdio – o famoso 28 da Rua Ivens – que executava retratos em todos os géneros, *retrato elegante Mignon a 150 réis cada. Retratos a crayon desde 2$500; um bello retrato esplendidamente emmoldurado 7$000. Recebem-se encomendas das provincias, basta mandar o original e a importância em carta registada, só na*

Photographia Novaes
28, Rua Ivens, 28
Ao Chiado[20]

Em 1909, para além do estúdio individual, Júlio Novaes anuncia outro de parceria com Pozal – *J. Novaes & Pozal* –, na Rua do Sol ao Rato, n.º 19[21].

Várias questões ficam em aberto. A escassez de estudos no domínio da História da Fotografia em Portugal e a dificuldade em aceder a algumas fontes condicionaram o resultado final deste trabalho. Contudo, apesar de persistirem dúvidas e incertezas quanto a vários aspectos da sua actividade profissional, António Novaes foi indiscutivelmente um fotógrafo importante neste período que marcou uma época da História da Fotografia em Portugal.

[20] *Diário Ilustrado*, 24 de Setembro 1899.
[21] *Anuário Comercial de Portugal, Ilhas e Ultramar*, 1909.

Quanto ao caso dos nossos últimos Braganças, continuo a considerá-los muito mais vítimas do estado do país do que outra coisa. D. Pedro V foi ao que julgo, das mais altas almas que produzimos; D. Luís e D. Carlos seriam tão bons monarcas ingleses, ou melhores, do que a rainha Vitória ou Eduardo VII. Pense bem o meu amigo na situação insolúvel que é a de um rei constitucional num país cuja vida política é um banditismo anárquico[22].

D. Carlos, 32.º rei de Portugal, subiu ao trono a 19 de Outubro de 1889, com 26 anos de idade.

Portugal continuava a ser então um país pobre e analfabeto, comparativamente com outros países da Europa. Não deixava de acusar, no entanto, sintomas de crescimento, confirmados pelos índices de produção agrícola e industrial. O novo rei recebia um país com mais fábricas e bancos, mais alunos e caminhos-de-ferro, mais terras cultivadas, maior número de habitantes.

Os anos oitenta do século XIX foram de verdadeira «corrida» para África. Se a Conferência de Berlim introduziu regras de Direito Internacional

[22] «Carta de António Sérgio para Raúl Proença» em 3.12.1912, in: Gonzalez, José Carlos; Santos, Fernando Piteira – *António Sérgio: correspondência para Raul Proença*, p. 39.

Público Colonial, estas não foram, todavia, suficientes para concertar os interesses dos estados europeus naquele continente, nem para impedir a eclosão de conflitos.

A apresentação às potências signatárias da representação gráfica, o Mapa Cor-de-Rosa, que contemplava as pretensões de Portugal sobre o interior das suas possessões africanas, teve o seu desfecho no Ultimato Inglês, em 11 de Janeiro de 1890. O eventual exercício de uma soberania efectiva na vasta zona situada entre Angola e Moçambique eliminava o expansionismo da coroa britânica.

Aquele acontecimento, a par da crise financeira mundial que se fez sentir a partir de 1890 (conduzindo a um agravamento da dívida externa, ao bloqueio dos habituais financiamentos concedidos pelos países mais ricos, ao fecho de mercados agrícolas de exportação), tiveram repercussões negativas a nível nacional, contribuindo para um crescente descontentamento face à monarquia e ao rotativismo partidário instalado após a Regeneração.

Desde o início do reinado de D. Carlos, o ideário republicano foi ganhando dividendos políticos e criando novas expectativas na sociedade em geral.

Se a política externa portuguesa atravessou uma grave crise, nomeadamente com a Inglaterra e o Brasil, D. Carlos, através de uma consciente acção diplomática, contribuiu para o restabelecimento e reforço das relações com outros países. É neste espírito que se compreendem as visitas feitas pelos chefes de estado, a saber:

Rei Eduardo VII de Inglaterra, em Abril de 1903;
Rei Afonso XIII de Espanha, em Dezembro de 1903 e em Fevereiro de 1909;

Rainha Alexandra de Inglaterra, em Março de 1905, e Março de 1906, em visita particular;

Duques de Connaught, em Janeiro de 1905;

Imperador Guilherme II da Alemanha, em Março de 1905;

Presidente da República Francesa, Émile Loubet, em Outubro de 1905;

Rei Frederico de Saxe, em Março de 1907;

Príncipe Guilherme de Hohenzollern e Princesa Matilde, em Março de 1907.



1. Visita do rei Eduardo VII de Inglaterra: ornamentações na Rua Garrett. Lisboa, 2 de Abril de 1903.

NIM: ANV 282



2. Visita do rei Eduardo VII de Inglaterra: a população aguarda a passagem do cortejo real junto à Estação do Rossio, no dia da visita a Sintra.
Calçada do Carmo, Lisboa, 3 de Abril de 1903. NIM: ANV 291



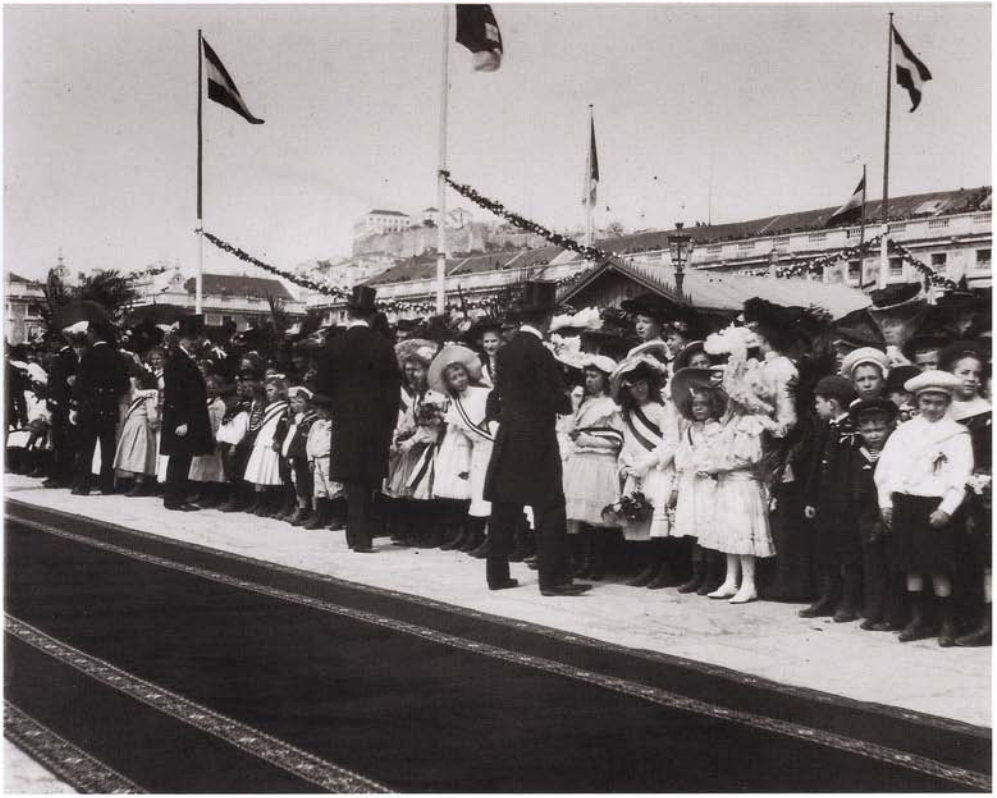
3. Visita do rei Afonso XIII de Espanha: o marquês de Faial dispara durante uma caçada na Tapada de Vila Viçosa. Vila Viçosa, 15/16 de Dezembro de 1903. NIM: ANV 201



4. Visita do rei Afonso XIII de Espanha: D. Carlos e o marquês de Faial durante uma caçada na Tapada de Vila Viçosa.
Vila Viçosa, 15/16 de Dezembro de 1903. NIM: ANV 200



5. Visita do rei Afonso XIII de Espanha: Afonso XIII no final da caçada, junto das peças abatidas. Vila Viçosa, 15/16 de Dezembro de 1903. NIM: ANV 308



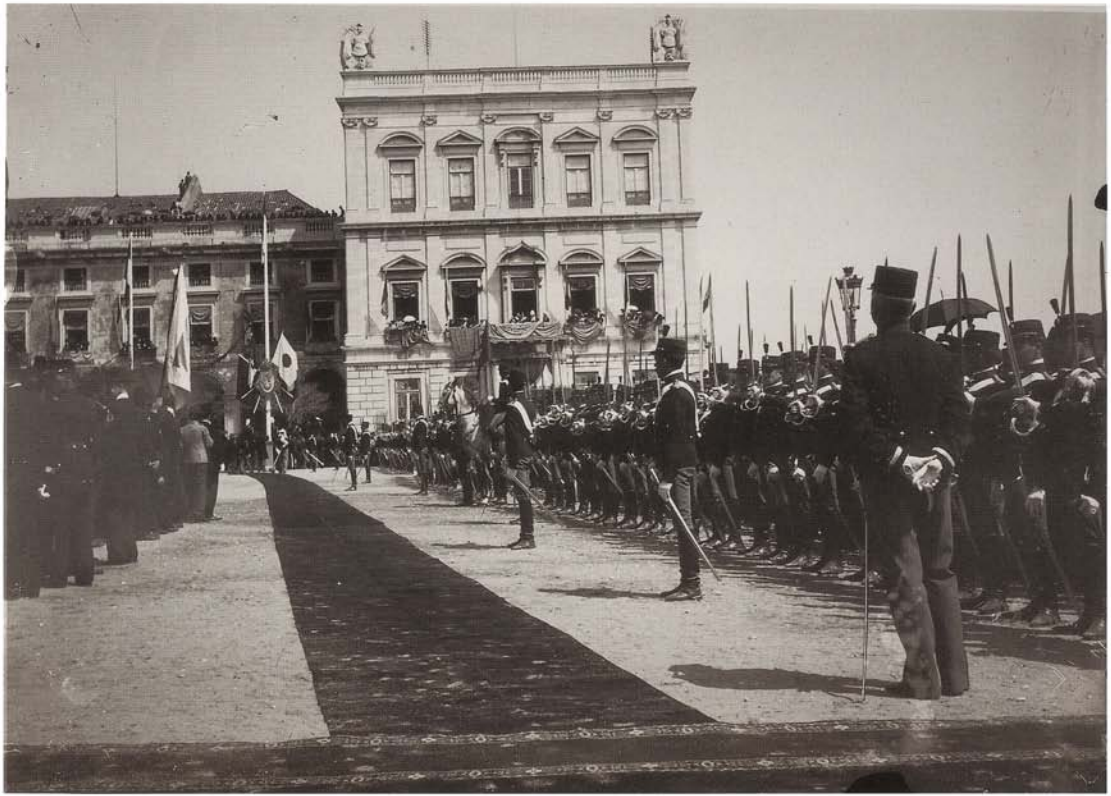
6. Visita do imperador Guilherme II da Alemanha: alunos do Colégio Alemão aguardam a chegada do soberano ao Cais das Colunas.
Praça do Comércio, Lisboa, 27 de Março de 1905. NIM: ANV 123



7. Visita do imperador Guilherme II da Alemanha: chegada ao Cais das Colunas. Praça do Comércio, Lisboa, 27 de Março de 1905. NIM: ANV 20



8. Visita da rainha Alexandra de Inglaterra: a rainha desembarca do bergantim real, à chegada ao Cais das Colunas. Praça do Comércio, Lisboa, 22 de Março de 1905. NIM: ANV 278



9. Visita da rainha Alexandra de Inglaterra: guarda de honra após o seu desembarque. Praça do Comércio, Lisboa, 22 de Março de 1905. NIM: ANV 279



10. Visita da rainha Alexandra de Inglaterra: saudações de despedida no momento da partida. Praça do Comércio, Lisboa, 25 de Março de 1905. NIM: ANV 269



11. Visita do presidente da República Francesa, Émile Loubet: a população, no aterro, aguarda a passagem do cortejo oficial.
Avenida 24 de Julho, Lisboa, 27 de Outubro de 1905. NIM: ANV 62

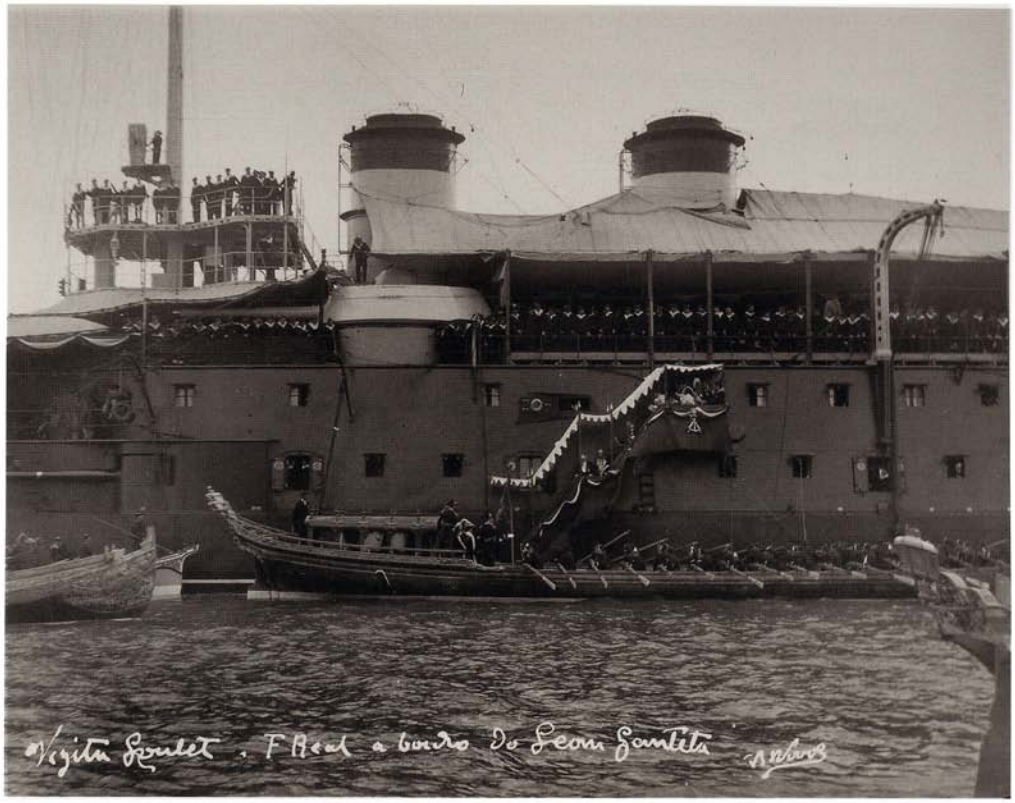


12. Visita do presidente da República Francesa, Émile Loubet: o rei D. Carlos, o príncipe D. Luís Filipe e o infante D. Afonso à saída do Palácio da Vila.
Sintra, 28 de Outubro de 1905.

NIM: ANV 64



13. Visita do presidente da República Francesa, Émile Loubet: os monarcas portugueses e o presidente Francês, dirigindo-se para o *Leon Gambetta*, onde se realizou o almoço de despedida.
Praça do Comércio, Lisboa, 29 de Outubro de 1905. NIM: ANV 313



14. Visita do presidente da República Francesa, Émile Loubet: o presidente francês a bordo do *Léon Gambetta*, despedindo-se dos monarcas portugueses.
Lisboa, 29 de Outubro 1905. NIM: ANV 53



15. Visita do rei Frederico de Saxe: os reis e oficiais dos exércitos de ambos os países assistindo a manobras militares no Hipódromo de Belém.
Belém, Lisboa, 9 de Março de 1907 NIM: ANV 96



16. Visita do rei Frederico de Saxe: o rei fotografa algumas das manobras militares em execução no Hipódromo de Belém.
Belém, Lisboa, 9 de Março de 1907. NIM: ANV 97



17. Visita do rei Frederico de Saxe: o rei fotografa o Portal Sul do Mosteiro dos Jerónimos, acompanhado pelo rei D. Carlos e a rainha D. Amélia.
Belém, Lisboa, 9 de Março de 1907. NIM: ANV 95

Quem viveu os últimos vinte e cinco anos do século passado e os primeiros anos deste, não esqueceu certamente quanto era fácil, despreocupada e alegre a vida de Lisboa. A alta sociedade desse tempo era «civilizada» e escolhida, existindo ainda a chamada «vida de sociedade», que a geração de hoje ignora[23].

A alta sociedade – grupo restrito que integrava os *novos ricos*, a aristocracia antiga, burgueses ricos e cultos – revia-se nos poucos acontecimentos e hábitos que cada vez mais importava dos países *civilizados* da Europa.

A *saison* em Lisboa começava com o início da temporada de ópera no S. Carlos e com a abertura das Cortes. As récitas de gala naquele teatro, tinham lugar a 2 de Fevereiro, dia de abertura das Cortes, e a 21 de Março, data do aniversário do príncipe real, D. Luís Filipe. Aquelas noites deslumbravam Lisboa pelas *toilettes*, uniformes e jóias.

Tinham lugar reuniões sociais – os bailes, as *garden-party*, os *rally-paper* – que constituíam os palcos das modas mais recentes e divertiam os intervenientes.

Os homens encontravam-se nos clubes, nomeadamente no *Turf-Club*, que reunia os interessados nas corridas de cavalos. Se o hipismo não tinha ainda a adesão de um número significativo de praticantes, o mesmo não suce-

[23] *Memórias do Sexto Marquês do Lavradio*, p. 19.

dia com o ténis, que pontuava já na sociedade elegante e recolhia o favor do rei.

D. Carlos, grande desportista, praticou hipismo, esgrima, natação, ciclismo, ténis, automobilismo. O gosto que demonstrava pelo ténis fez que mandasse construir vários *courts* na Tapada das Necessidades assim como noutras residências da família real.

Foi, no entanto, como atirador e caçador que mais se distinguiu. O tiro aos pombos fê-lo bater-se por boas classificações, disputando vários anos a *Taça Eduardo VII* e a *Taça Afonso XIII*. Frequentemente viajava para Vila Viçosa, onde, trajando à lavrador e acompanhado por grandes matilhas, caçava na companhia dos seus criados.

O irmão do monarca, infante D. Afonso, canalizava para o automobilismo um grande entusiasmo. Sob o seu impulso, realizaram-se as primeiras gincanas em Cascais, assim como diversas corridas de automóveis.

Era, contudo, a tourada que colhia o maior número de adeptos, em todos os grupos sociais.

A praia ou o campo eram locais de eleição para a sociedade elegante. A família real, depois de uma estada em Sintra, mudava-se para Cascais, *arrabalde cortesão centralizado no chalet Maria Pia sobre a Av. Marginal*, evocando, *um conceito de veraneio que trouxe, para um lugar marítimo, os valores vivenciais que, desde 1840, se haviam implantado em Sintra*[24].

[24] SILVA, Raquel Henriques da – «Arquitectura de Veraneio no Concelho de Cascais em sete andamentos», in: *Actas dos 1.os Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, 1995.



18. *Rally Paper* com a presença da família real.
Sintra, 6 de Agosto de 1904.

NIM: ANV 560



19. *Rally Paper* com a presença da Família Real.
Sintra, 6 de Agosto de 1904.

NIM: ANV 555



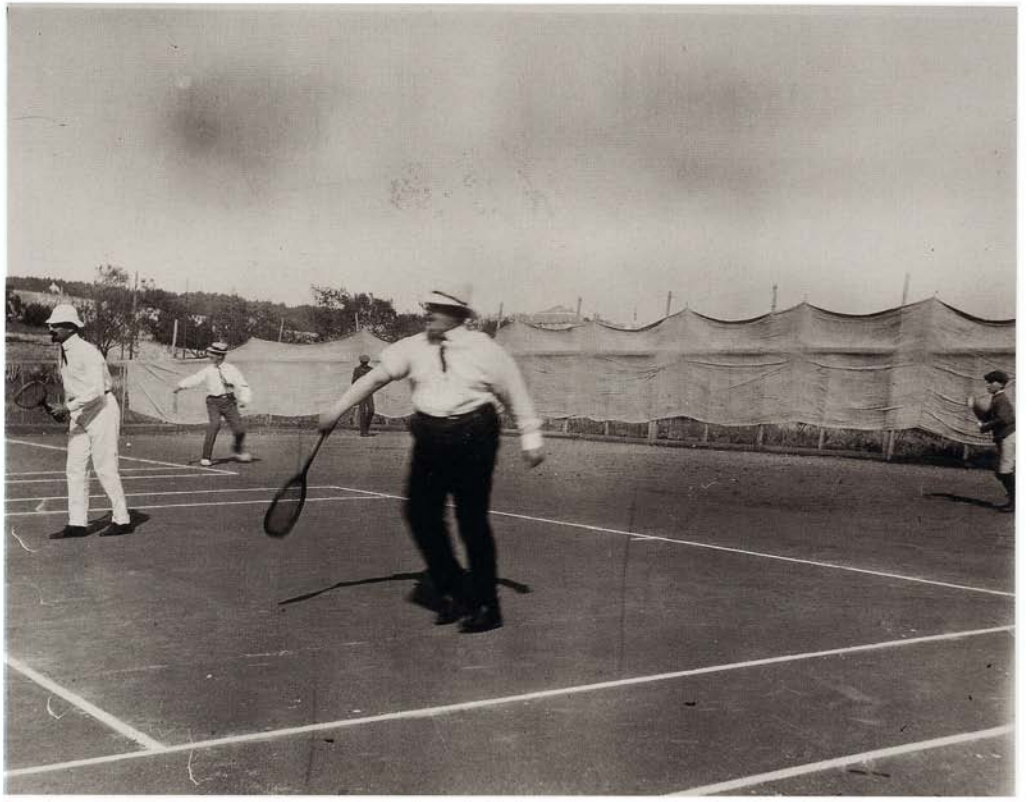
20. *Rally Paper* com a presença da família real.
Sintra, 6 de Agosto de 1904.

NIM: ANV 556



21. D. Manuel e D. Amélia, no *Rally Paper*.
Sintra, 6 de Agosto de 1904.

NIM: ANV 557



22. D. Carlos numa partida de ténis.
Tapada da Ajuda, Lisboa, ca. 1904 -1906.

NIM: ANV 550



23. D. Carlos, D. Luís Filipe, D. Manuel e o ministro de Guerra, Vasconcelos Porto, assistem a um torneio de esgrima.

Tapada da Ajuda, Lisboa, ca. 1904. NIM: ANV 482



24. D. Carlos, D. Luís Filipe, D. Manuel e o ministro de Guerra, Vasconcelos Porto, assistem a um torneio de esgrima.

Tapada da Ajuda, Lisboa, ca. 1904. NIM: ANV 483



25. Duelo de esgrima durante uma visita de D. Carlos à Escola do Exército. Paço da Rainha, Lisboa, ca 1904.

NIM: ANV 418



26. Torneio de Tiro aos Pombos com a presença de D. Carlos.
Tapada da Ajuda, Lisboa, 1904.

NIM: ANV 488



27. Participação de D. Carlos no torneio de Tiro aos Pombos.
Tapada da Ajuda, Lisboa, 1904.

NIM: ANV 489



28. Assistência no torneio de Tiro aos Pombos.
Tapada da Ajuda, Lisboa, 1904.

NIM: ANV 490



29. D. Amélia e D. Manuel assistem aos exercícios do concurso, realizado no âmbito do Congresso dos Bombeiros Voluntários.
Seteais, Sintra, Agosto de 1905. NIM: ANV 406



30. Espectadores nas Corridas de Valada.
Valada, Santarém, 18 de Março 1906.

NIM: ANV 299



31. Chegada de um concorrente à meta.
Valada, Santarém, 18 de Março 1906.

NIM: ANV 300



32. Espectadores e juízes aguardam a chegada dos concorrentes à meta.
Valada, Santarém, 18 de Março de 1906.

NIM: ANV 301



33. Raul Buisson, 1.º classificado na corrida de motocicletas.
Valada, Santarém, 18 de Março 1906.

NIM: ANV 302



34. *Garden Party* na Tapada do Palácio das Necessidades por ocasião do XV Congresso de Medicina. Largo das Necessidades, Lisboa, 24 de Abril de 1906. NIM: ANV 546



35. *Garden Party* na Tapada do Palácio das Necessidades por ocasião do XV Congresso de Medicina. Largo das Necessidades, Lisboa, 24 de Abril de 1906. NIM: ANV 544



36. *Garden Party* na Tapada do Palácio das Necessidades por ocasião do XV Congresso de Medicina. Largo das Necessidades, Lisboa, 24 de Abril de 1906. NIM: ANV 545



37. D. Carlos conversa com membros da alta sociedade, na praia da Ribeira. Cascais, ca. 1906 – 1907.

NIM: ANV 520

[...] *se o rei tem tido, a respeito da política interna, a mesma visão que teve a respeito da política externa, e se não pensasse que a resolução diplomática deste problema trazia em consequência, e fortalecia a resolução forçada daquele, morreria sem violência e rei de Portugal*[25].

Regressados de Vila Viçosa no dia 1 de Fevereiro de 1908, D. Carlos, D. Amélia e D. Luís Filipe chegaram ao Terreiro do Paço cerca das cinco horas da tarde. D. Manuel esperava-os acompanhado pelo tio D. Afonso, pelo governo e pela corte.

Quando a carruagem que transportava os monarcas chegou a meio do Terreiro do Paço, pronta a virar para a rua do Arsenal, um homem saltou para o estribo e disparou dois tiros de revólver nas costas do rei. D. Luís Filipe levantou-se, empunhando a sua arma, ao mesmo tempo que um homem saído das arcadas lhe desfechava um tiro de carabina. Faleceu, minutos depois, no Arsenal da Marinha. À semelhança de outros países da Europa, também Portugal via assassinar o seu monarca e o príncipe herdeiro.

Lisboa vestiu-se de luto. Os funerais realizaram-se no dia 8 de Fevereiro e a população saiu à rua, silenciosa, para ver passar o cortejo[26].

[25] SÁ, Ayres de – *Príncipe Real D. Luiz Filipe*, p. 450.

[26] A par do sentimento de consternação, outras reacções sintomáticas de algum descrédito da monarquia tiveram lugar: no dia 2 de Fevereiro «caixeiros da baixa ostentavam gravatas encarnadas e olhavam as senhoras

Foram rezadas missas na capela do Paço das Necessidades desde as 8 horas da manhã. Cerca das 11 horas, as urnas – cobertas com a bandeira nacional – foram colocadas nos respectivos coches; sobre estes correram-se panos de veludo preto franjado a ouro.

O cortejo saiu do Paço das Necessidades e seguiu pela Pampulha, Janelas Verdes, Aterro, Arsenal, Terreiro do Paço, Jardim do Tabaco, Fundição, Campo de Santa Clara, até S. Vicente de Fora; teve início pouco antes do meio-dia e contou com a presença de representantes de inúmeros países. Abria-o um esquadrão de cavalaria, seguido de cerca de duzentas carruagens, transportando representantes da magistratura, comércio, indústria, academias, deputados, funcionalismo. Doze coches fechavam o desfile, sendo os últimos: o coche de respeito, o coche do príncipe real e o coche de D. Carlos.

Cerca da 1 hora da tarde chegaram os primeiros coches a São Vicente, cujas janelas e frestas se encontravam veladas com panos pretos. Nos patamares da escadaria estavam dois descansos para as urnas e junto deles a irmandade da Misericórdia com a sua bandeira. A primeira a ser retirada foi a de D. Luís Filipe e em seguida a de D. Carlos. As urnas foram transportadas para o interior da igreja e colocadas em frente ao altar do Santíssimo Sacramento.

Terminadas as cerimónias religiosas, presididas pelo Patriarca de Lisboa, foram dadas salvas e descargas. Os féretros ficaram em exposição até ao dia 10, quando se procedeu à sua transferência para o Panteão Real.

com ar arrogante» (MÓNICA, Maria Filomena – *A Queda da Monarquia: Portugal na viragem do século*, p. 20; nos teatros cantava-se «Já mataram o rei gordo/E o magrinho também;/Acabem o que ficou,/Depois liquidem a mãe» (MARTINS, Rocha – *D. Manuel II*, p. 26).



38. João Franco, D. Afonso, D. Manuel e Aires d'Ornellas aguardam a chegada dos monarcas, momentos antes do regicídio.
Terreiro do Paço, Lisboa, 1 de Fevereiro 1908. NIM: ANV 510



39. Funerais de D. Carlos e D. Luís Filipe saindo do Palácio das Necessidades. Largo das Necessidades, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1908. NIM: ANV 179



40. Cortejo fúnebre à saída do Palácio das Necessidades.
Largo das Necessidades, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1908.

NIM: ANV 674



41. Cortejo fúnebre à saída do Palácio das Necessidades.
Largo das Necessidades, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1908.

NIM: ANV 675



42. A população aguardando a passagem do cortejo fúnebre.
Alfama, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1908.

NIM: ANV 180



43. A população aguardando a passagem do cortejo fúnebre.
Praça Duque da Terceira, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1908.

NIM: ANV 178



44. Chegada do cortejo fúnebre à Igreja de São Vicente de Fora.
São Vicente de Fora, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1908.

NIM: ANV 676

A questão política está muito complicada, muito torcida. As eleições foram em extremo renhidas como sabe. Mas é necessário que o Teixeira de Sousa se entenda com a oposição, por que senão ninguém se entende e não sei onde irá tudo parar. Garanto-lhe meu querido amigo que também tenho passado maus bocados. Não julgue contudo que estou desanimado; não. Um rei nunca pode desanimar [...] [27]

Castelo da Pena, 15-IX-1910

D. Manuel viveu entre 1889 e 1932. Foi o 33.º rei de Portugal, subindo ao trono em 1908, na sequência do trágico atentado que barbaramente vitimou D. Carlos, seu pai e o princípe herdeiro D. Luís Filipe, seu irmão.

D. Manuel ao longo da infância e adolescência levou a cabo um plano de estudos que lhe conferiu uma excelente preparação cultural para o desempenho das funções inerentes ao seu estatuto de filho segundo. Em 1904 prestou juramento na Companhia dos Guarda-Marinha e entre 1905 e 1908, concluiu os estudos com vista a uma promissora carreira de oficial na Marinha de Guerra.

O inesperado regicídio obrigou D. Manuel a subir ao trono apenas com 18 anos de idade. Portugal teve que aceitar o novo rei, considerado pela esmagadora maioria da população como uma figura inexperiente na política.

[27] Carta de D. Manuel II a Venceslau de Lima, in: *Documentos políticos encontrados nos palácios reais depois da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910*, pp. 121-124.

Viviam-se momentos de grande instabilidade. O descrédito da monarquia era galopante. Durante a governação de D. Carlos o país fora fortemente abalado pela ditadura de João Franco, pelo despoletar do novo ideário republicano e pela proliferação dos partidos políticos, que acabariam por conduzir à queda da monarquia, em 1910, e à implantação da República.

[...] *Neste dramático ambiente nasceu um rei que a grande maioria das pessoas, desde os meios cortesãos aos sectores políticos, considerava uma criança impreparada para o ofício régio* [...][28].

Contudo, ocorreram diversas manifestações populares a favor do monarca. No dia da aclamação solene nas cortes, a população manifestou-se calorosamente dando vivas ao novo rei de Portugal. Durante os meses de Maio e Junho de 1908, D. Manuel foi recebendo apoio de diferentes pontos do país, ao mesmo tempo que impunha a sua presença junto da população e das instituições civis e militares, dando assim continuidade à política de seu pai. Apelava ao correcto funcionamento das instituições, à acalmia política e ao desenvolvimento do país que ia apresentando indícios de fortes mudanças estruturais.

Em apenas dois anos de governação, D. Manuel visitou diversas unidades militares implantadas pelo país e participou em múltiplos acontecimentos sociais.

O reinado de D. Manuel ficou marcado pelo fracasso do sistema parlamentar que se caracterizou pela alternância entre a dissolução e a constituição de novos governos, pela insolúvel questão religiosa e pelo acréscimo da propaganda republicana.

[28] Serrão, Joaquim Veríssimo – *D. Manuel II (1889-1932): o rei e homem à luz da história*, p. 44.

A visita do Marechal Hermes da Fonseca, presidente do Brasil, foi o último acto oficial presidido por D. Manuel. Durante as cerimónias, eclodiu em Lisboa a revolução republicana que pôs fim ao regime monárquico português. D. Manuel partiu para Londres onde permaneceu em exílio político até à data da sua morte, em 1932.

Uma nota oficiosa do presidente do conselho de ministros, António de Oliveira Salazar, emitida a 10 de Julho de 1932, permitiu o regresso dos restos mortais de D. Manuel a Portugal. No dia 2 de Agosto efectuou-se a transladação de Londres para o Panteão da dinastia de Bragança, na Igreja de São Vicente de Fora.



45. Aclamação de D. Manuel: altas individualidades aguardam a chegada do rei às Cortes. Palácio de São Bento, Lisboa, 6 de Maio de 1908. NIM: ANV 620



46. Aclamação de D. Manuel à saída das Cortes.
Palácio de São Bento, Lisboa, 6 de Maio de 1908.

NIM: ANV 612



47. Aclamação de D. Manuel à saída das Cortes.
Palácio de São Bento, Lisboa, 6 de Maio de 1908.

NIM: ANV 613



48. Manifestação monárquica de estudantes da Universidade de Coimbra.
Rua do Alecrim, Lisboa, 27 de Maio de 1908.

NIM: ANV 589



49. Manifestação monárquica de estudantes da Universidade de Coimbra.
Jardim de Santos, Lisboa, 27 de Maio de 1908.

NIM: ANV 590



50. Manifestação monárquica de estudantes da Universidade de Coimbra.
Largo das Necessidades, Lisboa, 27 de Maio de 1908. NIM: ANV 591



51. Os estudantes da Universidade de Coimbra saúdam o rei D. Manuel e a rainha D. Amélia. Largo das Necessidades, Lisboa, 27 de Maio de 1908. NIM: ANV 592



52. Festa escolar de Lisboa no Parque das Laranjeiras.
Estrada das Laranjeiras, Lisboa, 24 de Outubro de 1908.

NIM: ANV 334



53. Festa escolar de Lisboa no Parque das Laranjeiras.
Estrada das Laranjeiras, Lisboa, 24 de Outubro de 1908.

NIM: ANV 333



54. D. Manuel assiste ao desfile das crianças durante a festa escolar de Lisboa.
Estrada das Laranjeiras, Lisboa, 24 de Outubro de 1908. NIM: ANV 335



55. D. Manuel no Velódromo de Palhavã.
Velódromo de Palhavã, Lisboa, 1909.

NIM: ANV 360



56. Um aspecto da assistência no Velódromo de Palhavã.
Velódromo de Palhavã, Lisboa, 1909.

NIM: ANV 361



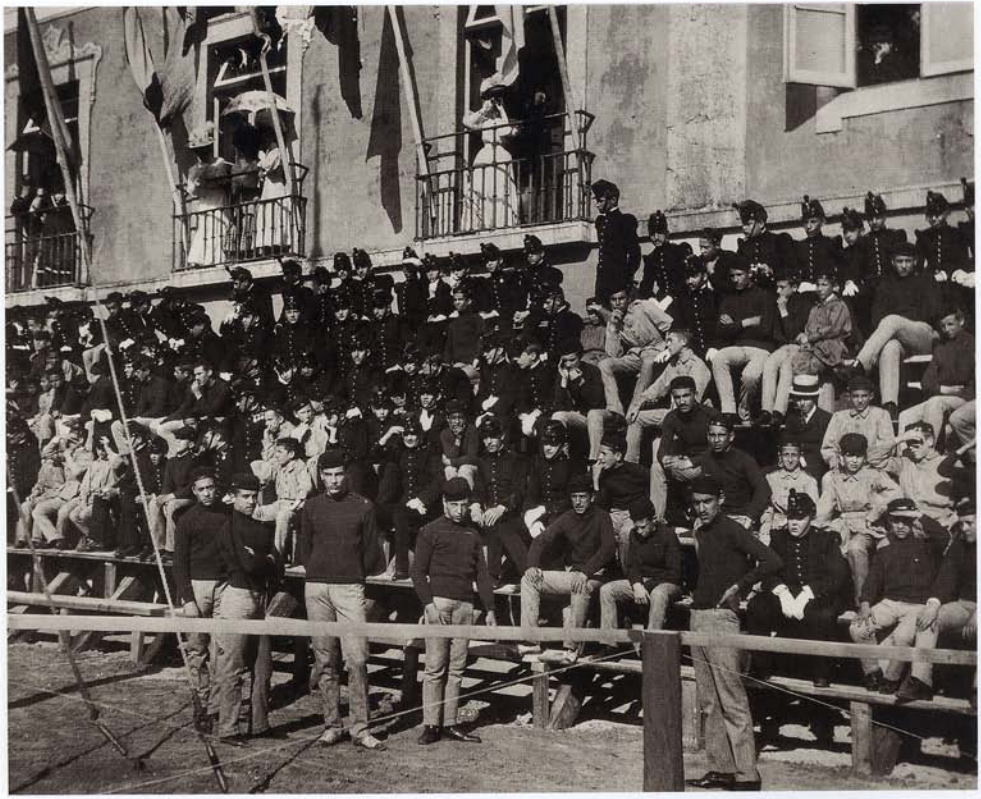
57. D. Manuel durante os exercícios de Cavalaria no Hipódromo de Belém. Belém, Lisboa, Junho de 1908.

NIM: ANV 336



58. Exercícios militares no Hipódromo de Belém.
Belém, Lisboa, Junho de 1908.

NIM: ANV 337



59. Aspecto da assistência numa festa de ginástica no Real Colégio Militar. Largo da Luz, Lisboa, 20 Junho 1908.

NIM: ANV 625



60. Visita do rei D. Manuel ao Quartel de Caçadores 5.
Castelo de São Jorge, Lisboa, 27 Julho 1908.

NIM: ANV 647



61. D. Manuel participa na Missa Campal em visita ao Quartel de Caçadores 5. Castelo de São Jorge, Lisboa, Junho 1909.

NIM: ANV 648



62. Guarda de Honra aquando da inauguração do monumento ao Duque de Saldanha. Praça da Figueira, Lisboa, 13 Fevereiro 1909. NIM: ANV 392



63. Aspecto da assistência na cerimónia de inauguração do monumento ao Duque de Saldanha. Praça Duque de Saldanha, Lisboa, 13 de Fevereiro 1909. NIM: ANV 393



64. Aspecto da assistência na cerimónia de inauguração do monumento ao Duque de Saldanha. Praça Duque de Saldanha, Lisboa, 13 de Fevereiro 1909. NIM: ANV 394

Eu, meu senhor, não sei o que é a República, mas não pode deixar de ser uma coisa santa. Nunca na igreja senti um calafrio assim. Perdi a cabeça então, como os outros todos. Todos a perdemos. Atirámos então as barretinas ao ar. Gritámos então todos: Viva, viva, viva a República[29].

Foi nas hostes mais radicais do Vintismo, no programa da Revolução Setembrista, nas sublevações da *Maria da Fonte* (1846) e da *Patuleia* (1847), que o ideário republicano foi, embrionariamente, tomando lugar.

A «pacificação» regeneradora, a partir de 1851, proporcionou um período de relativo consenso político-social, produzindo um efeito temporário de acalmia e arrefecimento das aspirações mais radicais.

Só em 1878 o parlamento monárquico viu tomar assento o primeiro deputado republicano, José Rodrigues de Freitas. Até então, Henriques Nogueira tinha sido o principal doutrinador do Republicanismo português.

Com as comemorações do tricentenário de Camões (1880), do centenário do Marquês de Pombal (1882) e com o Ultimato inglês (1890), as bandeiras do nacionalismo, anticlericalismo e colonialismo foram erguidas, e destes acontecimentos se fez irradiar, de um modo mais aguerrido, o propósito de uma nação republicana.

[29] «Manifesto dos Emigrados da Revolução Portuguesa de 31 de Janeiro de 1891», cit. por Serrão, Joel – *Da Regeneração à República*, pp. 170-171.

A malograda revolta de 31 de Janeiro de 1891, na guarnição militar do Porto, pretendeu resgatar a afronta nacional que a política da Monarquia tinha feito inflingir com o Ultimato; se a instauração da República foi um logro, serviu, no entanto, para vislumbrar a forma mais provável de mudança: através da revolução.

As tentativas de suster o contágio e difusão ideológicas (através da repressão e de leis eleitorais restritivas), não produziram efeito, nem sequer impediram a desagregação dos próprios partidos monárquicos e o descrédito da Monarquia parlamentar.

A falência da estrutura política-económica liberal traduziu-se, visivelmente, na mudança de forma de Estado.

As acções militares empreendidas a partir da uma hora da madrugada de 4 de Outubro, destacando-se Infantaria 16, Artilharia 1, a Marinha e a adesão solidária e entusiástica dos populares da capital, a par com a incapacidade de resistência organizada das forças monárquicas, concorreram para que a República fosse proclamada na manhã de 5 de Outubro de 1910, da varanda dos Paços do Concelho de Lisboa.



65. Um batalhão de populares durante a revolução republicana. Lisboa?, 5 de Outubro de 1910.

NIM: ANV 677



66. Civis e militares republicanos na Ermida de Arroios.
Arroios, Lisboa, 5 de Outubro de 1910.

NIM: ANV 678



67. Assalto ao Convento do Quelhas por tropas republicanas.
Rua do Quelhas, Lisboa, 7 de Outubro de 1910.

NIM: ANV 679



68. Sessão inaugural da Assembleia Constituinte.
Palácio de São Bento, Lisboa, 19 de Junho de 1911.

NIM: ANV 680



69. Ornamentações na Rua da Palma por ocasião da comemoração do 1.º aniversário da República Portuguesa. Lisboa, 5 de Outubro de 1911. NIM: ANV 681



70. Ornamentações na Rua dos Fanqueiros por ocasião da comemoração do 1.º aniversário da República Portuguesa.

Lisboa, 5 de Outubro de 1911. NIM: ANV 684



71. Ornamentações na Rua do Corpo Santo por ocasião da comemoração do 1.º aniversário da República Portuguesa.

Lisboa, 5 de Outubro de 1911. NIM: ANV 683

2

O PROCESSO DE DUPLICAÇÃO DA COLECÇÃO ANTÓNIO NOVAES

Dos cerca de setecentos negativos de António Novaes que o Arquivo Fotográfico da CML possui, cerca de seiscentos e oitenta são em película, com suporte de nitrato de celulose. Este facto constitui, por si só, uma ameaça à sua preservação, já que o nitrato de celulose é um material altamente inflamável e quimicamente instável. A sua presença em qualquer arquivo constitui um potencial risco de incêndio. A instabilidade deste filme conduz ao progressivo amarelecimento e fragilização do suporte, à libertação de gases ácidos e agentes oxidantes, que atacam a prata da imagem fotográfica e conduzem, mais cedo ou mais tarde, à sua destruição.

O nitrato de celulose foi o primeiro plástico usado como suporte de negativos. Comercializado pela indústria fotográfica a partir do ano de 1889, apesar dos seus inconvenientes, manteve-se em uso até cerca de 1950. Este suporte plástico teve uma importância histórica no desenvolvimento da técnica fotográfica, já que permitiu o aparecimento da película em rolo, facilitando a simplificação do processo fotográfico, a redução do peso e das dimensões das câmaras fotográficas e o crescimento do mercado da fotografia amadora. Mais tarde permitiu ainda a invenção do cinema.

Os negativos de António Novaes, que constituem a base da presente exposição, têm cerca de 90 anos. Quando nos chegaram às mãos encontravam-se já numa fase adiantada de deterioração: muitas das imagens estavam fortemente desvanecidas, com perda de pormenores (em alguns casos a imagem desaparecera completamente); apresentavam manchas castanhas ou amareladas; o suporte de quase todos os negativos estava já muito frágil, com rasgos nos bordos, perdas de cantos e margens e rasgando-se ao menor esforço físico; a emulsão mostrava-se descolada ou a descolar do suporte e os negativos, em alguns casos, curvatura acentuada.

Contudo, apesar de todas as formas de deterioração, a imagem de prata ainda lá estava e a sua recuperação era possível. A única forma de preservar e evitar a sua destruição era a duplicação dos negativos para outro suporte mais estável. Este método consiste em reproduzir, por um processo fotográfico, a imagem do negativo original noutro suporte plástico transparente, mais estável do que o suporte original. O que deve ser realizado, tanto quanto possível, sem perda de qualidade.

O processo de duplicação que seguimos consiste em executar primeiro um *interpositivo*, (uma transparência positiva) e por meio deste fazer o *negativo duplicado*.

O controle da densidade e do contraste destas duas transparências é particularmente delicado e importante já que se pretende uma imagem final com características semelhantes às da imagem original. Nesse sentido foram executados uma série de testes, seguidos de leituras de densidade. Os tempos de exposição da película, o tempo de revelação, a agitação e a temperatura dos banhos foram particularmente vigiados e mantidos consistentes ao longo do projecto.

No caso da duplicação da colecção António Novaes, algumas adaptações foram feitas, dadas as condições particulares que encontrámos.

A primeira adaptação traduziu-se na impressão dos interpositivos por ampliação do original e não por contacto. Tornou-se imperioso seguir este processo de impressão, já que os originais se apresentavam curvos, sendo impossível um contacto perfeito entre negativo original e película de reprodução. Optámos por ampliar ligeiramente os originais de 9 x 12 cm para um formato 13 x 18 cm. Esta técnica foi complementada com a escolha de diafragmas bastante fechados, com o propósito de reduzir os riscos de desfoque. Conseguiu-se, desta forma, duplicar negativos bastante curvos e fragilizados.

Outra adaptação teve como objectivo eliminar manchas de deterioração, amareladas ou acastanhadas, presentes em alguns originais. Para o conseguirmos foi usada película pancromática para a impressão dos interpositivos e a exposição foi realizada através de uma filtragem vermelha. Esta técnica teve algum êxito, conseguindo-se atenuar as manchas, em alguns casos com resultados muito significativos.

O processamento das películas foi realizado em tanques de quinze litros, com controle de temperatura. Para garantir a máxima permanência da imagem de prata, incluímos no processo um banho de tratamento final da imagem. Este banho, uma viragem a selénio, transforma a prata de imagem, relati-

vamente frágil e susceptível de deteriorar, num composto de selenato de prata muito mais estável. O tratamento foi aplicado tanto nos interpositivos como nos negativos duplicados.

Obtiveram-se assim negativos duplicados bastante estáveis e de qualidade idêntica ou superior aos originais. Tanto o suporte em poliester, como a imagem em selenato de prata, são materiais muito estáveis; em boas condições ambientais podemos prever um tempo de vida superior a quinhentos anos. Desta forma a colecção António Novaes fica preservada para a utilização de futuras gerações.

ÍNDICE TEMÁTICO
DA COLECÇÃO ANTÓNIO NOVAES

A colecção António Novaes foi ordenada sequencialmente, atribuindo-se um NIM (Número de Imagem) a cada espécie. O NIM é composto por uma sigla (que define a colecção do Arquivo) e um número de ordem dentro da colecção. A sequência numérica respeitou a ordem de proveniência (por envelope original). O organizador – o autor António Novaes(?), ou o coleccionador Eduardo Portugal(?) – pretendeu, assim nos parece, fazer uma arrumação por reportagens, nem sempre conseguida, já que alguns negativos estão descritos de forma vaga e imprecisa, não permitindo uma identificação clara.

O índice apresentado traduz de forma sistemática – tanto quanto possível, já que a identificação completa e a datação rigorosa tornou-se inviável – aquela organização por reportagens. Optámos por dividir a colecção em três grupos cronologicamente distintos (Grupo I – reinado de D. Carlos; Grupo II – reinado de D. Manuel II; Grupo III – República), correspondendo a cada um deles um leque variado de acontecimentos/assuntos fotografados.

Desta colecção consta um parco número de *chapas,* atribuídas a D. Carlos, que nos chegaram integradas no conjunto dos trabalhos de António Novaes.

GRUPO I
Reinado de D. Carlos

Abertura das Cortes: ANV 000496 – ANV 000499

Associação de Agricultura: ANV 000310

Batalha das Flores: ANV 000452

Casa Fotográfica: ANV 000309

Chapas (D. Carlos): ANV 000424 – ANV 000428

Concurso de Bombeiros: ANV 000406

Desporto:
- Automóveis: ANV 000305; ANV 000511 – ANV 000512
- Corridas de Automóveis: ANV 000292 – ANV 000304; ANV 000419 – ANV 000423
- Esgrima: ANV 000482 – ANV 000483
- Gincana: ANV 000306
- Ténis: ANV 000403 – ANV 000406; ANV 000548 – ANV 000550
- Tiro aos Pombos: ANV 000484 – ANV 000490; ANV 000532 – ANV 000538
- Veleiro: ANV 000307

Escola Médica: ANV 000438 – ANV 000443

Estação do Rossio: ANV 000447 – ANV 000449; ANV 000453 – ANV 000454; ANV 000500 – ANV 000508

Évora: ANV 000457 – ANV 000463

Exposição Agrícola: ANV 000464 – ANV 000473

Família Real:
- Palácio da Necessidades: ANV 000455
- Sintra: ANV 000098; ANV 000218 – ANV 000220

Festa de Santa Eufémia: ANV 000407 – ANV 000411

Garden party (XV Congresso de Medicina): ANV 000539 – ANV 000547

Igrejas: ANV 000311

Instituições/ Exercícios Militares:
- Arsenal: ANV 000456; ANV 000521
- Caçadores 5: ANV 000412 – 000413
- Escola do Exército: ANV 000414 – ANV 000418
- Hipódromo de Belém: ANV 000522 – ANV 000531
- Infantaria 2: ANV 000446
- Manobras do Fragoso: ANV 000478
- Museu de Artilharia: ANV 000450 – ANV 000451
- Padaria Militar: ANV 000474 – ANV 000477

Linha Férrea (ramal Setil-Vendas Novas): ANV 000491 – ANV 000495

Monumento ao Duque de Saldanha (1.ª pedra): ANV 000479 – ANV 000481

Praça de Touros: ANV 000432 – ANV 000434
- Campo Pequeno ANV 000429 – ANV 000431

Praia de Cascais: ANV 000516 – ANV 000520

Rally Paper: ANV 000551 – ANV 000560

Regicídio: ANV 000509 – ANV 000510

Retrato de grupo: ANV 000513 – ANV 000515

Sociedade de Geografia: ANV 000444 – ANV 000445

Sociedade Nacional de Belas Artes: ANV 000435 – ANV 000437

Visitas oficiais:
- Afonso XIII, rei de Espanha: ANV 000181 – ANV 00217; ANV 000308
- Alexandra, rainha de Inglaterra: ANV 000257 – ANV 000270
- Connaught, duques de: ANV 000130 – ANV 000135; ANV 000221 – ANV 000254
- Eduardo VII, rei de Inglaterra: ANV 000280 – ANV 000291

- Émile Loubet, presidente da república de França: ANV 000045 – ANV 000086; ANV 000312 – ANV 000313
- Fogo-de-Artifício: ANV 000255 – ANV 000256
- Frederico, rei de Saxe: ANV 000087 – ANV 000097
- Guilherme II, imperador da Alemanha: ANV 000001 – ANV 000044; ANV 000112 – ANV 000129; ANV 000136 – ANV 000140; ANV 000314 – ANV 000315
- Guilherme, príncipe de Hoenzollern: ANV 000100 – ANV 000111
- Ornamentações: ANV 000099

GRUPO II

Reinado de D. Manuel

Aclamação: ANV 000577 – ANV 000582; ANV 000605 – ANV 000620

Automóveis: ANV 000355

Concurso Hípico: ANV 000356 – ANV 000361

Cortejo: ANV 000621

Escola Politécnica: ANV 000671 – ANV 000673

Exéquias Reais: ANV 000561 – ANV 000576; ANV 000604

Exposição Hípica: ANV 000349 – ANV 000351

Festa Escolar: ANV 000323 – ANV 000335

Funerais de D. Carlos e D. Luís Filipe: ANV 000141 – ANV 000180; ANV 000674 – ANV 000676

Hospitais: ANV 000352; ANV 000354
- Hospital de São José: ANV 000656 – ANV 000660

Instituições/ Exercícios Militares:
- Arsenal: ANV 000630 – ANV 000631
- Brigada de Infantaria: ANV 000316 – ANV 000322
- Caçadores 2: ANV 000395 – ANV 000398
- Caçadores 5: ANV000634 – ANV 000648
- Colégio Militar: ANV 000623 – ANV 000629
- Engenharia: ANV 000399 – ANV 000402; ANV 000622; ANV 000661 – ANV 000670
- Escola do Exército: ANV 000353
- Hipódromo de Belém: ANV 000336 – ANV 000348; ANV 000600 – ANV 000603
- Infantaria 1: ANV 000362 – ANV 000382
- Infantaria 2: ANV 000649 – ANV 000655

Manifestação Monárquica: ANV 000583 – ANV 000599

Monumento ao Duque de Saldanha (inauguração): ANV 000383 – ANV 000394

Viagem ao estrangeiro (chegada a Lisboa): ANV 000632 – ANV 000633

GRUPO III

República

Assembleia Constituinte (sessão inaugural): ANV 000680

Revolução republicana: ANV 000677 – ANV 000679
- comemorações (1.º aniversário): ANV 000681 – ANV 000683

FONTES
E BIBLIOGRAFIA

Fontes

1. Fontes Iconográficas

Academia Militar de Lisboa
Álbuns de Fotografias, 1900-1960.
Arquivo Histórico Militar
Colecção de Fotografias, [1890-1940].
C.M.L./ Divisão de Arquivos/ Arquivo Fotográfico
Colecções Alberto Carlos Lima, Alexandre Cunha, Bobone, Joshua Benoliel, Paulo Guedes, [1900-1912].
Palácio Ducal de Vila Viçosa
Colecção de Fotografias Dispersas [1900-1912].
Álbum de Fotografias, 1902-1907.
Palácio Nacional da Ajuda
Colecção de fotografias de António Novaes [1903-1907].

2. Fontes Manuscritas

A.N./T.T.
Registos Paroquiais. Lisboa, freg.ª Sacramento, casamentos, 1874-1884, lv. 17, cx 13, fl.27 e27v.
Registos Paroquiais. Lisboa, freg.ª Socorro, baptismos, 1880, lv. 34, cx 10.
C.M.L./ Divisão de Arquivos/ Arquivo do Arco Cego
*Licenças de Comércio e Indústria,*1896-1897, 32 vols.
Livros de Recenseamento Eleitoral, 1880-1925, 31 vols.
Processo de Jazigo, n.º 3394, 1.º Cemitério.
Livro de Escrituras n.º 21, fl. 21v.
Livro de Escrituras n.º 47, fl. 9.
Livro de Escrituras n.º 78, fl. 127v.
C.M.L./ D.M.I.S./ Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos
Registos do 1.º Cemitério (Alto de São João), compartimento n.º 2376.

3. Fontes Impressas

Publicações Periódicas

Anuário – Almanaque Comercial da Indústria, Magistratura e Administração ou Anuário Oficial de Portugal, Ilhas e Ultramar. Cord. por Caldeira Pires, 1896.
Anuário Comercial de Lisboa. 1881-1890; 1892.
Anuário Comercial de Portugal, Ilhas e Ultramar. 1893-1897; 1899; 1901-1910; 1912.

Anuário Comercial de Lisboa. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1943.
Arquivo Pitoresco, Semanário Ilustrado. Lisboa, Castro, Irmão & C.ª, 1857-1868.
Brasil-Portugal. Lisboa, 1899-1914.
O Contemporâneo. Lisboa, 1874-1878; 1882-1885.
O Correio de Sintra. Sintra, 1905.
Crónica Ilustrada. Lisboa, 1882.
Diário de Notícias. Lisboa, 1940.
Diário Ilustrado. Lisboa, 1899.
Eco Fotográfico. Lisboa, 1906.
A Época. Lisboa,1902.
Ilustração Portuguesa. Lisboa, ed. do Século, 1903-1905.
Ilustração Portuguesa. 2ª série. Lisboa, ed. do Século, 1906-1913.
Mala da Europa. Lisboa, 1881-1910.
A Nação. Lisboa, 1910.
Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro. Lisboa, 1878-1914.
O Século. Lisboa, 1881-1910; 1940.
A Semana Ilustrada. Lisboa, 1903-1906.
A Semana Ilustrada. Lisboa, 1903-1906.
Os Serões. Lisboa, 1901-1907.
A Vida Galante. Lisboa, 1899.
O Vinte e Oito. Lisboa, 1899.

Bibliografia

BARRETO, António – «Família Real», in: *Grande Reportagem*. Lisboa, n.º 61, 1996, pp. 80-91.

BORGES, José Pedro de Aboim – *Joshua Benoliel: o rei dos fotógrafos*. Dissertação final de mestrado em História de Arte apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1984. Versão policopiada.

Conservation of Photographs. Rochester, Eastman Kodak Company, 1985.

Documentos políticos encontrados nos palácios reais depois da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910. Lisboa, Imprensa Nacional, 1910, pp. 121-124.

Os Fotógrafos da Casa Real. Lisboa, Arquivo Nacional de Fotografia e Palácio Nacional da Ajuda, 1984.

FERREIRA, Rafael Laborde; VIEIRA, Victor Manuel Lopes – *Estatuária de Lisboa*, Lisboa, Amigos do Livro, 1985.

GAMA, Luís Filipe Marques da – *El-Rei D. Carlos: memória viva*. Lisboa, Ed. Inapa, 1991.

GONZÁLEZ, José Carlos; SANTOS, Fernando Piteira – *António Sérgio: correspondência para Raúl Proença*. Lisboa, D.Quixote/ Biblioteca Nacional, 1987.

Guia de Portugal, Lisboa e Arredores. 3.ª ed. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I, 1991.

LOPES, António – «História da Fotografia em Portugal», in: *Foto*. Lisboa, n.º 1, 1995, pp. 83-86.

MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1956.

MADEIRA, José Luís – *Rever Lisboa*. Lisboa, Fundação Oriente, 1992.

MARQUÊS DO LAVRADIO (6.º) – *Memórias do Sexto Marquês do Lavradio*. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1993.

MARTINS, Rocha – *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa 1903-1918*. s.l., Bertrand Irmãos. s.d.

MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa, Editorial Estampa, vol. VI, 1994.

MÓNICA, Maria Filomena – *A queda da Monarquia em Portugal: Portugal na viragem do século*. Lisboa, D. Quixote, 1987.

MONTÊS, António Malhoa. *Museu Provincial de José Malhoa*, 1950.

PAMPLONA, Fernando de – *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*. 2.ª ed. actualizada. Lisboa, Livraria Civilização, vol. IV, s.d., pp. 37-42.

PAVÃO, Luís – *The photographer of Lisbon, Portugal from 1886-1914*. Rochester: Rochester Film & Photo Consortium, 1990. (Ocasional papers, n.º 5).

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Dicionário Histórico, Chorográfico, Heráldico, Biográphico, Bibliográphico, Numismático e Artístico*. Lisboa, João Romano Torres, ed., 7 vols., 1915.

REILLY, James M. – *Care and Identification of 19 th: Century Photographic Prints*. Rochester, Eastman Kodak Company, 1986.

SÁ, Ayres de – *Príncipe Real D. Luiz Filipe*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1929.

SENA, António – *Uma História de Fotografia: Portugal 1839--1991*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1991.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *D. Manuel II (1889-1932): o rei e o homem à luz da história*. Lisboa, Fundação Casa de Bragança, 1990.

SERRÃO, Joel – *Da Regeneração à República*. Lisboa, Livros Horizonte, 1991.

SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto, Livraria Figueirinhas, 1990.

SILVA, A. de Moraes – *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. 4.ª ed. Lisboa, ed. Confluência, 5 vols., 1988.

SILVA, Raquel Henriques da – «Arquitectura de Veraneio no Concelho de Cascais em sete andamentos», in: *Actas dos 1.os Cursos Internacionais de Verão de Cascais*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1995.

Cascais. Lisboa, Editorial Presença, 1988.

Visitas Reais entre as Cortes Portuguesa e Britânica 1902-1910. Lisboa, Palácio Nacional da Ajuda, 1985.

A Vida da República Portuguesa: objectos do quotidiano. Lisboa, Editorial Império, 1991.

ÍNDICE

Apresentação por João Soares 7
por Inês Morais Viegas 9

Introdução. A Colecção António Novaes 11

1. O Fotógrafo António Novaes 15

Visitas Oficiais no Reinado de D. Carlos 21
Vida Social e Desportos 44
Funerais de D. Carlos e D. Luís Filipe 72
Reinado de D. Manuel II 83
A República 110

2. O processo de duplicação da colecção António Novaes 121

3. Índice temático da colecção António Novaes 125

Fontes e Bibliografia 129

AGRADECIMENTOS

A todos os que directa ou indirectamente contribuíram
para a elaboração deste catálogo,
nomeadamente:

Academia Militar de Lisboa
Arquivo Histórico Militar
Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (Dr. Diogo Gaspar)
Cinemateca Portuguesa
Gabinete de Estudos Olisiponenses
Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (Dr.ª Conceição Casanova, Dr.ª Ana Barata e Dr.ª Maria da Luz Nogueira)
Museu José Malhoa (Dr. Paulo Henriques)
Paço Ducal de Vila Viçosa (Dr.ª Teresa Parra da Silva)
Palácio Nacional da Ajuda (Dr.ª Maria do Carmo Andrade)
Dr. Vítor Gomes
Dr. José Pedro de Aboím Borges
Dr.ª Helena Gonçalves Pinto
Dr.ª Paula Ochôa

e muito particulamente
aos sobrinhos do fotógrafo António Novaes,
arquitecto Nelson Ramires Coelho e Ana Maria Caetano

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO
ANTÓNIO NOVAES

Título	ANTÓNIO NOVAES, 1903 – 1911
Autor	Divisão de Arquivos / Pelouro da Cultura Câmara Municipal de Lisboa
Coordenação do Projecto	Inês Morais Viegas, Luís Pavão, Luísa Costa Dias, Maria do Rosário Santos
Selecção de Imagens	Alexandre Arménio Tojal, Isabel Mendes da Silva, Luís Fradinho, Luís Pavão, Luísa Costa Dias
Investigação e Textos	Alexandre Arménio Tojal, Isabel Mendes da Silva, Luís Fradinho, Luís Pavão, Luísa Costa Dias
Duplicação e Reprodução Fotográfica para o Catálogo	Luís Fradinho
Duplicação da Colecção António Novaes	Luís Fradinho, Tiago Craveiro
Impressão Fotográfica	Nuno Gonçalo Almeida, Paula Figueiredo
Design da Exposição	Margarida Aires Barros, Marília Afonso
Concepção e Montagem da Exposição	Divisão de Arquivos / Câmara Municipal de Lisboa
Iluminação	Serviços Eléctrico-Mecânicos da C.M.L.

ISBN 972-37-0402-1

